



EDITORIAL

Nesta edição, convidamos professoras e historiadoras do *V Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Estudos de Gênero - V ENGTEG: Gênero e colonialidade nos 200 anos de Brasil (in)dependente* –, realizado na Unimontes, Montes Claros, nos dias 24 e 25 de Novembro de 2023, para publicarem um extrato das mesas, dos simpósios temáticos, em suma, de seus trabalhos de pesquisa em um dossiê. Assim, conseguimos trazer para nossa revista um panorama das pesquisas de historiadoras vinculadas à Associação Nacional de História (ANPUH/BR) que, no momento, integram o Grupo de Trabalho Nacional de Estudos de Gênero, criado em 2001 e suas regionais.

Organizado por Andréa Bandeira, Marta Rovai e Kaoana Sopelsa, o dossiê apresenta duas partes: a primeira, **Diálogos Contemporâneos de Gênero**, com 4 artigos; a segunda, **Estudos de Gênero**, com 8 artigos. Os textos revelam um amplo espectro temático dos feminismos em movimento, demonstrando a fertilidade do debate teórico e perspectivas metodológicas em andamento nos estudos de gênero e na História das Mulheres que se pratica atualmente em diferentes instituições. Como assinalam as organizadoras, pesquisas que “refletem as inquietudes, os avanços científicos e as frustrações dos resultados ainda pouco impactantes diante de tanta violência”.

Na apresentação - que pode ser lida nas páginas seguintes -, acrescentam, as autoras explicitam o propósito de “colaborar na reescrita historiográfica, tanto teórica quanto narrativa, bem como atualizar e fornecer novos argumentos para o debate e para a necessária transformação social em favor da equidade de gênero”. Agradecemos, aqui, a especial colaboração das autoras e das organizadoras do dossiê, e saudamos também a coordenação do evento pelo êxito da iniciativa.

O conjunto de artigos livres também abre com outra colaboração muito especial: **O dispositivo amoroso e tutti quanti: as artimanhas do patriarcado** é o ensaio inédito de tania navarro swain. Pesquisadora e teórica, editora da Revista Labrys, Estudos Feministas (Montréal, Paris, Brasília) - marco das publicações feministas internacionais no Brasil -, tania é colaboradora do Caderno Espaço Feminino desde seus primórdios, integrando nosso Conselho Consultivo. Em uma abordagem densa e teórica, a autora desafia o que chama de uma “história mal contada”, isto é, uma historiografia que “silencia e acorrenta a história do possível, de todas as possibilidades de agenciamento do humano”.

Nessa perspectiva, ela constrói uma crítica não apenas a uma historiografia moderna, eurocêntrica, essencialista, escrita no masculino, mas faz uma crítica formal, ética e metodológica da apropriação indevida de conceitos teóricos sem a identificação da autoria, da funcionalidade analítica e do sentido original, ao resgatar o conceito por ela criado de “dispositivo amoroso”.

“O dispositivo amoroso, repito, noção criada por mim, é um sistema de persuasão das mulheres em relação às suas obrigações “por natureza”; torna tão arraigadas estas tarefas que mal são questionadas. Naturalmente, o feminismo vem denunciando esta injusta divisão de trabalho que resulta em triplas ou quádruplas jornadas de trabalho para as mulheres, mas hoje esta questão encontra-se diluída. E permanece a divisão desigual de trabalho doméstico, mesmo quando as mulheres trabalham tanto quanto os homens em profissões diversas”.

A reflexão tem caráter pedagógico, e a ferramenta conceitual, sob a pena da autora, ensina a pensar historicamente o mundo social e enfrentar os efeitos mais ou menos explícitos, dissimulados, frequentemente perversos dos poderes obstinados, insidiosos, às vezes até mesmo sutis, do patriarcado em movimento. Ela se inspira na noção de dispositivo da sexualidade, formulada por Michel Foucault: “o dispositivo da sexualidade, espelho do patriarcado,

não é senão o exercício arbitrário do poder masculino sobre a metade dos seres humanos, sem absolutamente nada que o justifique, a não ser um imaginário social que define como verdade a pura fantasia da superioridade masculina.”

E propõe desdobramentos férteis e historicamente articulados. A perspectiva por ela elaborada permite, por exemplo, pensar o “patriarcado” como categoria e desvelar “o arcabouço teórico, imaginário, simbólico e normativo, tendo o ‘dispositivo da masculinidade’ como seu braço executivo, sua expressão material”. Já o “dispositivo amoroso é o assujeitamento elevado à última potência, pois faz crer às mulheres que têm um destino, uma função, que a exploração de sua mão de obra e de sua sexualidade são dados naturais.”
(...)

Salienta “o dispositivo amoroso faz aceitar a submissão”, e esclarece:

“o dispositivo amoroso é um emaranhado de correntes e artimanhas que atrelam as mulheres a um papel social, insidioso em sua invisibilidade, enraizando nas profundezas do ‘ser mulher’ um ardiloso e claro dever de ‘amar’, para melhor serem dominadas. O dispositivo amoroso cria a culpa, afinal, devem ter feito algo para serem maltratadas ou repudiadas. ‘As crianças devem ter um pai’, diz o mundo. E as mulheres aceitam a humilhação e a violência em nome do ‘amor’ aos filhos.”

Ao longo do texto, algumas centelhas se desprendem de suas reflexões. Sem dúvida, o ensaio é uma aula de história e de teoria feminista. Em linguagem clara e ferina, ela aborda aspectos do imaginário contemporâneo que circulam corriqueiros, naturalizados, por isso demandam uma atenção acurada e complexa para serem desvelados / decifrados no plano dos discursos e das práticas cotidianas. Agradecemos, tania, pelo prazer da leitura - e da provocação - deste ensaio-manifesto!

Não por acaso, as questões discutidas por tania navarro swain atravessam os textos que se desdobram na sessão de artigos livres. O artigo seguinte é **Gênero e famílias monoparentais: uma leitura a partir da história oral no Paraná**. Nele, Luciana Rosar Fornazari Klanovicz e Jessyka Lopes

Rickli analisam famílias monoparentais chefiadas por mulheres como fenômeno historicamente construído, a partir de histórias orais com 12 mulheres no Paraná. Os relatos exprimem relações entre o que se pensa dessas famílias no espaço público e como elas vivenciam a realidade no espaço privado, expressando representações de satisfação e afeto de mulheres/mães e os desafios na maternidade.

Atuação e satisfação de mulheres em profissões tipicamente masculinas: um estudo com trabalhadoras da construção civil em Vitória da Conquista- Bahia é título do artigo de Priscila Lúcia Oliveira Silva, Almiralva Ferraz Gomes, Weslei Gusmão Piau Santana e Rita de Cássia Oliveira Lima Alves. Trata-se de uma análise da presença de mulheres em profissões construídas socialmente como masculinas, em Vitória da Conquista, Bahia. Através de uma pesquisa qualitativa, as autoras exploram sua atuação e satisfação como operárias e engenheiras que laboram no canteiro de obras da construção civil.

O artigo **Violência doméstica e interseccionalidade** tem autoria de Amanda Motta Castro, Naira Mariana Ferraz Gomes e Allana de Azevedo Trajano. No texto, elas examinam a violência doméstica sobreposta ao marcador social 'raça', e procuram compreender por que as mulheres negras são as maiores vítimas desse tipo de violência. O artigo tece uma revisão bibliográfica e articula dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022. No âmbito do colonialismo luso-ibérico, a categoria social raça aparece como determinante na constituição da identidade social da mulher negra. A interseccionalidade é praticada, e também fundamentada em bell hooks, Carla Akotirene e Lélia Gonzalez. Os marcadores sociais de gênero, raça e classe desnudam avenidas identitárias que atravessam as existências das mulheres negras.

Elas são bolsistas de produtividade científica: entre as motivações e os desafios de mulheres cientistas de uma universidade pública do Centro-Oeste, de Silvana Maria Bitencourt e Thainá Louise Pinheiro Oliveira, é o artigo em que as autoras exploram a participação de quatro docentes bolsistas

de produtividade científica (CNPq) de uma universidade pública do Centro-Oeste, a fim de compreender as motivações e os desafios enfrentados por elas para construir suas carreiras científicas frente às desigualdades de gênero que, historicamente, também se revelam no âmbito da instituição e da vida acadêmica.

Músicas (não) compostas por Diana em seu álbum de 1978: discurso de uma “nova mulher”? é o artigo de Adenisi Mendonça Santana, Micaela Cristina Moreira, Karine Rios de Oliveira Leite e Thiago André Rodrigues Leite, sobre a investigação que tem por objeto o álbum musical “Diana (1978)”. As autoras e o autor buscam observar os efeitos de sentidos na construção discursiva de uma “nova mulher”, tendo como aporte teórico teorias feministas e a análise de discurso. De acordo com a análise realizada, o sujeito discursivo apresenta deslocamentos, e emergem indícios de uma representação de mulher ousada e menos conformada com a sociedade patriarcal.

O dispositivo amoroso, ainda que não apareça literal e conscientemente nos artigos, parece acionar os discursos do patriarcado sob inquirição e as representações do feminino sob análise nesta seção. Mulheres chefes de famílias no Paraná, mulheres operárias e engenheiras da construção civil, mulheres bolsistas de produtividade científica, mulheres negras como alvo da violência doméstica, além de resistências de mulheres poetisas, compositoras, romancistas, artistas e criadoras. Sim, elas, mulheres, nas amarras ou nas franjas, nos centros, nas linhas e nas margens, nas representações sociais, em velhos e novos locais, elas existem e existiram. Cabe aos feminismos e às pessoas, nas trincheiras das lutas – cotidianas, militantes, empíricas e teóricas – a tarefa de decifrar e enfrentar os instrumentos discursivos confinadores, violentos, sutis, renovados, dissimulados, sempre perversos, da ordem do patriarcado em movimento.

Devemos registrar, ainda, nossa homenagem à querida Zeila Navarro Swain, autora da obra da capa. Artista plástica, poeta, doutora em psicologia e psicóloga, feminista como a irmã, tania, parceira nos encontros e debates

dos seminários dos cursos de pós-graduação da Universidade de Brasília, na área de concentração Estudos Feministas e de Gênero. Zeila nos deixou em 2007 e, também, deixou algumas de suas belas obras, entre elas a que publicamos nesta edição. E deixou saudades.

Por fim, agradecemos a cada uma/um, tod@s que colaboraram na revista e particularmente nesta edição, e desejamos a tod@s uma leitura instigante e prazerosa.

Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

Editora da Revista